



**A INCONGRUÊNCIA DO  
RELATIVISMO CULTURAL**

**THE INCONSISTENCY  
OF CULTURAL RELATIVISM**

**Ana Beatriz de Andrade Borba Delgado <sup>47</sup>**

---

<sup>47</sup> Graduanda em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva. Graduanda em Relações Internacionais pela UEPB. E-mail: [anabiaandrade14@gmail.com](mailto:anabiaandrade14@gmail.com)

## **RESUMO**

O objetivo deste artigo é investigar de maneira crítica as relações culturais, diante de uma perspectiva filosófica, sociológica e antropológica da pós-modernidade e a incongruência do relativismo cultural. Para isso, serão abordadas questões sobre o conceito de verdade nas relações culturais, sugerindo uma resposta para o relativismo. Nesse aspecto, considera-se que o uso da perspectiva múltipla não promove ou entra em contrapartida com a verdade, mas a reconhece. Além disso, há uma abordagem no âmbito do direito e da moralidade, haja vista que o tema do presente artigo envolve, de maneira integral, a dignidade humana. Sendo assim, foi utilizada a pesquisa bibliográfica e descritiva, à luz de grandes intelectuais, a fim de chegar a uma conclusão fidedigna acerca do conceito de verdade e da problemática do relativismo.

## **PALAVRAS-CHAVE**

*Relativismo cultural. Verdade. Cultura. Pluralismo. Antropologia.*

## **ABSTRACT**

The purpose of this article is to investigate critically the cultural relations, in face of the philosophical, the sociological and the anthropological of post-modernity perspectives and the inconsistency of cultural relativism. In this regard, it will be mentioned questions about the concept of truth in cultural relations, also it will suggest an answer to relativism. In this aspect, we can consider that the use of multiple perspectives do not promote or deny the truth, but acknowledge it. Besides that, there is an approach under the law and morality scenarios, due to the article's theme concern, integrally, the human dignity. Therefore, it was used bibliographical and descriptive research, according to great intellectuals, in order to get to a trustworthy conclusion of the concept of truth and the problematic of the relativism.

## **KEYWORDS**

*Cultural relativism. Truth. Culture. Pluralism. Anthropology.*

## **1. INTRODUÇÃO**

Diante da contemporaneidade e das discussões mais diversas, no campo ético e moral, é necessário pensar sobre as relações culturais e o que não pode ser sucumbido pela subjetividade. Assim, o presente artigo não propõe negar a diversidade e promover a intolerância; pelo contrário, a diversidade é algo maravilhoso que aponta para a obra multifacetada do Criador, espelhada na criação. Além da tolerância que exige a discordância do indivíduo e a capacidade de respeitar, ainda que não exista concordância alguma diante de outrem, tendo a firmeza do argumento sem a necessidade da agressão. Como o retrato do pensamento, do grande filósofo francês, Voltaire, escrito por Evelyn Beatrice Hall (1906): "Posso discordar de tudo o que você diz mas farei de tudo para você ter o direito de dizê-la". Digo isso, pois, um dos principais argumentos relativistas, utiliza da tolerância para fundamentar seu ideário: se não aceitarmos o relativismo dos valores estamos impondo valores da nossa sociedade, afirmando o etnocentrismo e, portanto, sendo incapazes de pensar que existe um povo diferente, com valores e costumes diversos. Dessa forma, para o relativista, não ser intolerante é aceitar, a qualquer custo, o relativismo dos valores, o que é muito paradoxal.

Se o juízo de valor de que devemos ser tolerantes fosse apenas relativo à nossa sociedade, então seria aceitável que outras sociedades não fossem tolerantes. Mas não é aceitável que as outras sociedades não sejam tolerantes. (ALMEIDA & MURCHO, 2014, p. 40)

Se torna inviável, diria que impossível, condenar e fazer uma arbitragem diante dos fatos históricos sob um olhar relativo, haja vista que isso traria carta branca aos homicídios que se sucederam em nome da perspectiva ideológica cultural de cada sociedade. Contudo, se tal ideário fosse viável, pergunto: como julgar a Alemanha nazista se no final das contas ser tolerante é aceitar as práticas diversas? É justamente isso que discutiremos no decorrer desse artigo, a verdade objetiva e absoluta que detém o poder do julgamento, como diria George Orwell (2017, p.69): "O que é

realmente assustador quanto ao totalitarismo não é que cometa 'atrocidades', mas que agrida o conceito de verdade objetiva.". Em outras palavras, tudo que é posto sobrepondo a verdade reverbera um caos instaurado, diante de qualquer aspecto social.

Reconhecendo o supracitado, digo que uma afirmação dentro de um cenário cultural específico pode ser certo ou errado quando a proposição está de acordo com a realidade; ou seja, tudo aquilo, o qual, pode ser analisado diante da verdade, o manifesto daquilo que é. Consoante, o pensamento do grande e admirável teólogo e filósofo, Santo Agostinho (1887, p.34): "*Ea est veritas quae ostendit id quod está*", a verdade é manifestação daquilo que é. Assim, várias fontes do conhecimento podem ratificar a resposta para algumas questões culturais, como a percepção, a moral, a evidência, o testemunho, além de outras fontes que reverberam e justificam a realidade como ela é, expondo, de fato, um juízo de valor correto para algumas tradições culturais.

Nesse contexto, cabe uma análise dos Direitos Humanos e do cenário ético moral que surgem perante o relativismo, pois, ante o exposto relativista, os Direitos Humanos também são meramente relativos e não existem aspectos morais universais. O relativista alega a garantia de que o bem e o mal, a sentença do certo e do errado são relativos pelo encargo, tão somente, das construções sociais. Porém, o sustento dessa ideia culmina em falhas insensatas, visto, por exemplo, questões sobre o racismo, uma vez que uma perspectiva ética satisfatória deve fornecer-nos os meios para combater atos racistas; todavia, o relativismo cultural se compromete com a tese a qual admite que as ações racionalmente motivadas são boas numa dada sociedade se essa sociedade as aprova. Assim, tudo depende de ponto de vista, conclusão essa que parece bastante insatisfatório neste ponto. (GENSLER, 1998).

Portanto, falar sobre os argumentos e as abordagens relativistas é falar sobre questões da vida humana no que está associado às estruturas sociais e as formas de pensamento. É afirmar que um juízo de valor não pode e não deve ser emitido de qualquer forma, diante do pensamento mais aleatório e absurdo. Melhor dizendo, o relativismo pode ser conhecido como, apenas, um refúgio para aqueles que não aceitam a verdade de maneira objetiva, mas que simplesmente corresponde a um voto majoritário no que tange às ações sociais. (GEISLER, p.864).

Deserte, o presente artigo tem como objetivo refletir acerca

das relações culturais, a objetividade da verdade diante dos desafios do relativismo. Assim, serão apresentados conceitos desses temas e uma reflexão crítica aplicativa. Ademais, a metodologia utilizada foi do tipo pesquisa bibliográfica não exaustiva referente ao tema, utilizadas como lentes interpretativas a filosofia, a antropologia e a sociologia. Isto posto, é importante ser enfatizado que o objetivo não é, de maneira nenhuma, identificar uma cultura superior perante outras, tendo em conta que nenhuma sociedade é perfeita, longe disso, a sociedade é a prova cabal da Queda da humanidade.

## **2. REVERBERAÇÃO HODIERNA DO RELATIVISMO CULTURAL**

O pós-modernismo e o pluralismo se entrelaçam de diversas formas. Após a Segunda Guerra mundial (1939-1945), o pós-modernismo trouxe a derrocada dos padrões existentes, acarretando o questionamento se de fato é necessária uma única verdade. O mundo foi bombardeado pelo materialismo, existencialismo, cientificismo, além das posições ideológicas: marxismo e fascismo. Deserte, hodiernamente, acordamos em um mundo desfigurado, o qual, o homem é destruído por sua própria existência e os valores são sobrepostos pelo egoísmo proeminente. A grande sociedade do desespero, da dependência cultural, que faz do bom relativo e tudo deve ser considerado do ponto de vista social.

Com efeito, no decorrer desse texto, a ênfase será feita diante das questões culturais e sociais que envolvem os indivíduos e se isso vale pleitear a relativização da verdade em meio às diversas culturas.

Em primeiro lugar, é necessário compreender a origem do termo relativismo diante da perspectiva cultural. Para isso, deve ser conhecido o seu significado, o qual, desconsidera absolutos morais - relativismo moral - e maximiza o ideário de que nenhuma abordagem pode ser feita por julgamentos pré-concebidos. Ademais, o termo cultura pode ser identificado, sob uma ótica sociológica, como sinônimo do conjunto dos elementos que compõe e caracterizam uma sociedade.

Desse modo, o relativismo cultural propõe que toda questão no campo da cultura tem um fim em si mesmo, no qual não pode ser considerado bom ou ruim, todavia, sendo uma

verdade para a sociedade habitada; portanto, não cabe decidir o certo ou o errado e muito menos possibilitar uma ideia que cause sobreposições culturais.

De certa forma, vale salientar que o relativismo veio contrapor algo muito válido: mitigar e apontar para o etnocentrismo e os preconceitos existentes, ainda na atualidade, trazendo a ideia de que um povo não deve ser inferiorizado ou ser submetido a outra cultura por questões de costumes, de raça e de nacionalidade. Porém, afirmar o relativismo não ratifica, de maneira nenhuma, essa contraposição que busca a dignidade humana, contudo o relativista utiliza desse argumento em detrimento da verdade. E ao invés de mitigar e defender a dignidade, emite ações desumanas em nome da liberdade cultural de um povo. Parafraseando a frase de Kherian Gracher (2014): Se algo for aceito, por uma sociedade, independente do que seja, então é moralmente permissível. Se não for aceito, então é moralmente proibido.

E se tudo é relativo não há porque julgar o infanticídio indígena, repreender um nazifacista ou desmerecer os antecedentes históricos da violência contra a mulher como a tradição chinesa dos pés de lótus e do apedrejamento muçulmano. É como se existissem morte sem dor, porque no final das contas o que importa é o costume arraigado por uma sociedade, e não a vida.

A primeira consequência prática do relativismo cultural é que não poderíamos mais criticar as ações e práticas de outras sociedades. Ainda que pareça uma consequência óbvia do relativismo cultural, isso toca em um ponto complicado. Pensemos em práticas menos “benignas”, como uma sociedade que considere moralmente correto a escravidão de todas as pessoas que têm uma cultura diferente da sua. Eles estariam justificados moralmente em sair pelo mundo escravizando pessoas, visto que essa seria uma prática social permissível diante do seu código moral. Pensemos então em uma sociedade extremamente antissemita, que considere a prisão sumária, a desapropriação de bens e até mesmo a tortura de judeus como algo aceitável

diante do seu código moral. Um caso parecido com esse foi a Alemanha no período pós-primeira guerra, no qual a sociedade em geral aceitou a perseguição dos judeus, considerando tal ação como moralmente aceitável diante de seus costumes. Aceitando o relativismo cultural nós não poderíamos mais criticar tais ações e práticas, uma vez que elas estão de acordo com o código moral aceito pela cultura e sociedade onde foram praticadas. (GRACHER, 2014)

Nesse contexto, é fundamental aceitarmos, "engolindo de goela abaixo", questões brutais, tão somente, porque faz parte da cultura de determinado povo. Com efeito, o pior é receber como resposta o argumento contemporâneo e mal-acabado do relativismo em dizer que isso não deve ser aceito como errado, visto que pode ser verdadeiro para uma pessoa mesmo não sendo para todas ou que pode ser verdadeiro em um cenário cultural definido em uma época, mas não em outra. Ou seja, para tal teoria a verdade é irrelevante e mutável. Porém, basta um pouco de exercício mental para perceber a falta de fundamento e compreensão desse raciocínio teórico.

Outrossim, o relativista, como já foi dito, não crer em absolutos, contudo transforma seu pensamento em algo único para compreender o mundo e, portanto, já afirma um absoluto. Chega ser irrelevante e insensato ensinar História, Matemática, Filosofia e dentre tantas outras matérias que são asseguradas de fatos, lógica e pressupostos; pois, tudo depende de ponto de vista.

Uma vez que não há nenhuma verdade absoluta, uma vez que tudo é relativo, o propósito da educação não é ensinar a verdade ou conhecer os fatos — pelo contrário, trata-se apenas de adquirir a habilidade necessária para enriquecer, conseguir poder e fama. A verdade se tornou irrelevante. (CRAIG, 2010, p. 9-13)

A reverberação hodierna do relativismo, perante a rejeição de um código moral universal, é de uma impossibilidade de críticas em face de costumes sociais diversos. A pregação da liberdade,

proferida pelos pós-modernos, os relativistas, é totalmente avessa, não somente no que tange o princípio ético e moral, mas ao seu próprio discurso. Enquanto pregam a revolução afirmam que a tradição não pode ser criticada. Gritam por liberdade, mas não podem discordar, em nenhum aspecto, de qualquer prática social. São contra o absolutismo, mas consideram o relativismo uma verdade. Promovem debates políticos e discussões filosóficas, esquecendo que para eles toda avaliação moral é recorrente da decisão de uma sociedade. Logo, é nítido perceber as problemáticas desta tese ante a atualidade.

### **3. PRECISAMOS SER RELATIVISTAS PARA AFIRMAR A PLURALIDADE?**

Para iniciarmos a ênfase do relativismo no estudo antropológico cultural, desejo descrever uma breve narrativa de um texto que li, recentemente, o qual, foi instrumentalizado a fim de produzir um debate, de alto nível, em uma das minhas aulas de Introdução à Filosofia. O livro surpreendente que o texto está inserido é o "O Porco Filosófico" da Julian Baggini (2006, p.202) e com certeza, despertará seus pensamentos mais aguçados acerca do assunto:

A chegada de pães indianos à mesa, algo que dificilmente será o mais dramático. Mas deu a Saskia o tipo de choque mental que modificaria profundamente a sua maneira de pensar. O problema era que o empregado de mesa que serviu os pães indianos não era de ascendência indiana, mas sim um branco anglo-saxónico. Isto incomodou Saskia, pois para ela, um dos prazeres de jantar fora um prato de caril era a sensação de saborear uma cultura estrangeira. Se o empregado lhe tivesse servido um bife e empadão não teria sido mais incongruente do que a sua cor de pele. Quanto mais pensava no assunto, todavia, menos sentido fazia. Saskia considerava-se multiculturalista. Isto é, apreciava positivamente a variedade de culturas que uma sociedade etnicamente diversa sustenta. Mas o seu prazer dependia de outras pessoas

permanecerem etnicamente distintas. Ela só podia gozar de uma vida a esvoaçar entre muitas culturas diferentes se outros permanecem firmemente enraizados numa delas. Para ela ser multiculturalista, outros tinham de ser monoculturalista. Que impacto tem isso no seu ideal de uma sociedade multicultural?

Saskia tem razão em sentir-se desconfortável. Há um problema no seio do multiculturalismo liberal. Este defende o respeito por outras culturas, mas o que valoriza acima de tudo é a capacidade de transcender uma cultura e valorizar muitas. Isto coloca uma restrição fundamental ao alcance de tal respeito. A pessoa ideal é o multiculturalista que pode visitar uma mesquita, ler escrituras hindus e praticar meditação budista. Os que permanecem numa tradição não dão corpo a estes ideais, e portanto, apesar do discurso sobre o "respeito", só podem ser encarados como inferiores ao multiculturalista, com a sua abertura de espírito.

Há aqui um pouco da mentalidade de jardim zoológico. O multiculturalista quer andar por aí a admirar diferentes maneiras de viver, mas só pode fazê-lo se diversas maneiras de viver se mantiverem mais ou menos intactas. As diferentes subculturas na sociedade são portanto como jaulas, e se houver demasiadas pessoas a entrar ou a sair delas, tornam-se menos interessantes e o multiculturalista deixa de poder apontar para elas e sorrir. Se todos fossem tão culturalmente promíscuos como estes, haveria menos diversidade genuína com que se deliciarem. E assim os multiculturalistas têm de permanecer uma elite, parasitários relativamente às monoculturas internamente homogêneas.

Pode-se argumentar que é possível simultaneamente ser um multiculturalista e estar comprometido com uma cultura particular. O paradigma aqui é o do devoto muçulmano ou cristão que não obstante tem um profundo

respeito por outras religiões e sistemas de crença e está sempre preparado para aprender com eles. Todavia, a tolerância e o respeito por outras culturas não são o mesmo que valorizar todas as culturas de uma maneira mais ou menos igual. Para o multiculturalista, o melhor ponto de vista é aquele que vê mérito em todos. Mas não se pode ser um cristão, muçulmano, judeu ou mesmo um ateu dedicado e acreditar sinceramente nisto. Pode haver tolerância, ou mesmo respeito, por outras culturas, mas se um cristão realmente acreditasse que o islão é tão valioso como o cristianismo, por que seria um cristão?

Eis o dilema multiculturalista. Pode-se ter uma sociedade com muitas culturas que se respeitem entre si. Chame-se a isso "multiculturalismo" se se quiser. Mas se queremos defender um multiculturalismo que valoriza a própria diversidade e considera que todas as culturas têm igual mérito, então temos ou de aceitar que aqueles que vivem numa só cultura têm uma forma de vida inferior — o que parece ir contra a ideia de respeito por todas as culturas — ou temos de argumentar a favor da erosão das divisões entre culturas distintas, de maneira a que as pessoas valorizem cada vez mais as culturas dos outros — o que levará a um decréscimo no tipo de diversidade que afirmamos valorizar.

No nosso exemplo concreto, para que Saskia continue a desfrutar uma diversidade de culturas, tem de esperar que outros não abracem o multiculturalismo de uma maneira tão completa quanto ela o faz. (BAGGINI, 2006, p. 202)

Diante de toda essa narrativa, encontramos um dilema significativo, a questão plural e a singular no que está relacionado ao multiculturalista (pluralismo cultural que considera todas as crenças verdadeiras) e o monoculturalista (conjunto de crenças específicos em determinada cultura). E é justamente o que iremos focar daqui para frente; pois, uma pessoa que se diz adepta a qualquer cultura, haja vista que todas são igualmente importantes

para ela, obrigatoriamente deve concordar que todos devem permanecer nas suas crenças para que ela possa permanecer multiculturalista. Isto posto, partindo do princípio que todas as pessoas monoculturalista se tornem multiculturalista, não poderá, então, existir multiplicidade.

Uma pessoa que prega a validade de todas as culturas obriga que as sociedades não resolvam, de maneira alguma, pensar como ela, caso contrário a base da sua mentalidade se torna inexistentes. Para o contexto supracitado ficar mais claro farei a seguinte analogia: é como se fosse uma pessoa que vai a uma loja escolher uma blusa e ao chegar observa que tem várias opções de cores (verde, azul, amarela e etc.), essa pessoa só poderá escolher blusas de todas as cores se, de fato, as cores existirem, caso contrário ela não terá opção. Ademais, um multiculturalista necessita, indubitavelmente, que verdades existam para exercer seu relativismo e ser adepto a qualquer cultural, o que não faz muito sentido.

Assim, desejo mostrar o grande paradoxo do relativismo cultural, pois, tal teoria nunca será habilitada a converter pessoas ao seu ideário relativo, visto que, respeitando as culturas, sem acreditar no certo ou no errado dos costumes, o relativismo sempre precisará da existência das verdades absolutas e até das inverdades para basear que qualquer crença é verdadeira. Se todos resolvem torna-se relativista não há mais diversidade, porque ela só se dá, tão somente, por causa da junção de unicidades. Não há como crer na multiplicidade da verdade. Então, aquele o qual máxima e pensa que o relativismo é verdadeiro para todos, é de fato um absolutista e nunca poderá desejar que os outros pensem como ele, caso contrário o que ele acredita para de existir. O multiculturalista prega a pluralidade entrelaçada no relativismo, mas ele só pode crer e pregar isso se existirem pessoas monoculturalistas.

Portanto, para celebrar a diversidade você não precisa ser relativista. É necessário perceber que há sim perspectivas válidas e inválidas dentro dos costumes e hábitos culturais, e não é necessário dizer que tudo é verdadeiro para fazer isso conhecido. Conhecer a pluralidade, a multiplicidade, não é algo ruim, ruim é dizer que não existe verdades absolutas para favorecer esse conhecimento.

Não parece muito controverso afirmar que este é

um dos papéis públicos da filosofia: esclarecer com rigor os contornos elementares de conceitos que são usados por qualquer pessoa, tanto na sua vida profissional como na pública e pessoal. A verdade é um desses conceitos, e talvez um dos mais maltratados e, simultaneamente, um dos mais fundamentais. O que há de fundamental nele é a imensa dificuldade em ter qualquer réstia de vida mental sem o usar implícita ou explicitamente: quando nos batemos pela igualdade das mulheres é porque pensamos que é falso que elas devem ser discriminadas, e não há qualquer maneira adequada de ter uma concepção promissora de falsidade sem pressupor o conceito de verdade. (MURCHO, 2018, s. p.)

### **3.1 VERDADES NÃO PODEM SER SOBREPOSTAS PELA RELATIVIDADE**

Quem quer que disponha a discutir sobre a relatividade, prega, no final das contas, uma verdade. Outrossim, os argumentos postos, neste artigo, acerca da defesa da existência da verdade não deve ser entendido como uma filosofia individual, uma vez que não foi o homem que a criou. A verdade simplesmente existe e a ousadia que há em tentar descobri-la prova que já fora descoberta. Até os contos de fadas refletem isso.

Esses contos dizem que as maçãs eram douradas apenas para lembrar o momento esquecido em que descobrimos que elas eram verdes. Fazem os rios correr cheios de vinho só para que nos lembremos, por um momento esquecido, de que eles correm cheios de água. (CHESTERTON, 2017, p.71)

Com o pensamento refletido diante da citação supracitado, de um dos melhores livros - Ortodoxia- já lidos por mim, digo que a verdade não pode ser sucumbinda pelo "encantamento" relativista contemporâneo. Chesterton, exemplifica a importância

do conto de fadas pelo simples fato de resplandecer a verdade que há por trás de toda a criatividade fictícia; ou seja, a fantasia apenas traz a memória cativa do que é real, visto que, nem mesmo o homem mais cético pode discordar.

Assim, ainda usando, como base, da mentalidade desse autor brilhante, a vida pura e simples é suficientemente interessante e o conto de fadas ratifica isso, mesmo que seja algo aparentemente escondido, pois, expressam o simples entrelaçado com "encanto", "feitiço" e "magia", para retratar que uma árvore dá fruto porque é mágica e o sol brilha porque está enfeitado. Assim, os contos não são lidos para que venhamos fugir da realidade, mas para lembrarmos que ela existe e é bela por si só. Isso é racionalismo verdadeiro e o mundo das fadas está cheio disso, da verdade. Tudo o que chamamos de êxtase, no que tange as descobertas, significa apenas que por um terrível instante nos lembramos de que esquecemos (CHESTERTON, 2017, p. 71).

Diante disso, existem verdades que não podem ser sobrepostas pela relatividade. Portanto, o transcurso desse texto se dará com o objetivo de lidar com o mundo plural e as verdades que não podem ser obscurecidas por discursos falhos, que desfalecem o indubitável como se isso fosse possível.

Se, de fato, a verdade dependesse de nós nunca poderia acontecer equívoco, pois bastaria pensar que algo é verdadeiro para o ser. No entanto, é evidente que nos enganamos, dessarte conclui-se, de maneira válida, que a verdade não depende de ponto de vista.

Por exemplo, muitas pessoas no passado acreditavam que a terra era plana. Agora sabemos que essa afirmação da verdade estava errada. Parece que essa verdade mudou com o passar do tempo. Será que mudou? A verdade muda, ou o conhecimento sobre o que é verdadeiro muda? Bem, certamente o mundo não mudou de cubo para esfera. O que mudou com relação a isso foi nosso conhecimento, não nossa terra. Ele mudou de um conhecimento falso para um verdadeiro. (CRAIG, 2002, p. 13)

Com efeito, é tão capciosa e absurda a ideia de afirmar a não existência da verdade. Na prática, usando de um exemplo bem

simples, seria como duas pessoas discutindo a cor do sinal de trânsito: uma afirma que está na cor vermelha e a outra que está na cor verde, todavia, no final das contas é como se ambos estivessem certos no mesmo tempo. Portanto, pergunto: como o trânsito irá fluir? Simplesmente não fluirá, pelo contrário. E é justamente diante disso que a suposta sugestão de relativizar tudo reverbera na incoerência e na impossibilidade de julgamento, uma vez que a verdade fosse relativa, neste sentido, não haveria possibilidade de erro algum, porque seria sempre verdadeiro

Urge, dessa forma, reconhecer a objetividade de certas coisas, considerando que a veracidade não é e nunca foi aquilo que alguém pensa que é verdadeiro, seja de maneira social ou individual. Talvez a ideia de levar em conta qualquer tipo de asneira como algo verídico, seja interessante, democrático e sofisticado; contudo, isso causa uma confusão de perspectivas e um caos coletivo, em que o indivíduo julga seus atos de acordo com o seu bem querer.

#### **4. UMA ANÁLISE DOS DIREITOS HUMANOS E A CONTRAPOSIÇÃO DIANTE DO RELATIVISMO CULTURAL**

A compreensão do conceito de universalismo é essencial para entender os direitos humanos. Nesse contexto, vale destacar o relativismo cultural como sendo incompatível e totalmente contrário ao universalismo.

Em primeiro lugar, é necessário compreender que a universalidade aprova e testifica os direitos humanos como algo pertencente a todos os indivíduos, ou seja, não somente a um grupo específico social. Conquanto, se todas as pessoas são portadoras dos direitos humanos então podemos afirmar, com propriedade, que existem direitos universais. De fato, cada cenário geográfico tem suas particularidades culturais; contudo, existem sim direitos que devem ser considerados universais, englobando todas as sociedades independente dos vínculos culturais, religiosos, étnicos, partidários e outros mais específicos, dado que os valores estão inerentes aos indivíduos e os direitos humanos sobrepõe essas questões, sendo considerado válido para todos. À vista disso, todo o ser humano tem uma dignidade que deve ser preservada e assegurada pelo Direito.

O relativismo cultural afirma a impossibilidade de reconhecer

um padrão único de moral, argumentando que tudo muda de acordo com o marco que estamos inseridos. Não obstante, é comum encontrar os adeptos ao relativismo aprovando a relativização dos valores, obviamente; entretanto, defendendo, ferrenhamente, a universalidade dos direitos em favor da humanidade e da tolerância, ratificando, assim, a sua inconsistência.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pelas Nações Unidas no dia 10 de dezembro de 1948, não exprime princípios éticos universais em qualquer sentido robusto do termo[...]. O relativista cultural terá de defender que a violação de qualquer dos direitos consagrados na Declaração é eticamente permissível desde que seja permissível numa dada cultura. Assim, se numa dada cultura se considera que é correcto discriminar as pessoas com base na origem étnica ou no sexo, violando o artigo segundo da Declaração, o relativista tem de aceitar que nessa cultura é correcto fazer tal coisa e que a Declaração se limita a exprimir uma convicção diferente.

Muitas pessoas que aceitam o relativismo cultural rejeitam a ideia de que é eticamente permissível violar qualquer um dos direitos humanos consagrados na Declaração. Mas estas duas ideias são incompatíveis. O relativismo cultural é incompatível com a ideia de direitos humanos universais.

Que razões haverá para aceitar o relativismo cultural? Uma primeira razão é pura confusão. Consiste em confundir o relativismo cultural com o respeito pela diversidade cultural. Muitas pessoas defendem que devemos respeitar as culturas alheias, e consideram que no passado os europeus e outros povos cometeram o erro moral de não respeitar as culturas alheias, impondo à força os seus padrões e classificando as culturas alheias como selvagens ou primitivas ou incivilizadas. E essas pessoas pensam que para

defender este respeito pelas culturas alheias temos de defender o relativismo cultural — mas isto é uma confusão. Em primeiro lugar, a ideia é incoerente, porque defende um valor ético universal (o respeito pelas culturas alheias) com base na premissa de que todos os valores éticos são relativos à cultura. Contudo, se todos os valores éticos fossem relativos à cultura, o valor do respeito pelas culturas alheias só poderia ser um valor relativo a certas culturas, mas não a outras. Nomeadamente, não era um valor na cultura europeia do século XVI, e portanto os europeus nada fizeram de moralmente errado ao não respeitar as culturas alheias. Em segundo lugar, é simplista: não distingue o que deve ser cuidadosamente distinguido. Há uma grande diferença entre respeitar costumes que não têm relevância ética — como as cerimônias de casamento, a nudez ou os comportamentos sexuais — e respeitar costumes que têm relevância ética — como a escravatura, a discriminação das mulheres ou a violação de crianças. O respeito pelas culturas alheias tem o mesmo género de limite que tem o respeito pelos comportamentos alheios: é defensável que respeitar todos os comportamentos e estilos de vida alheios desde que não prejudiquem injustamente outras pessoas. Em terceiro lugar, defender a tolerância de culturas alheias com base no relativismo cultural denuncia uma enorme incompreensão do conceito de tolerância. Uma pessoa não pode exercer qualquer tolerância quanto a um estilo de vida alheio se não puder condenar esse estilo de vida. Se não podemos condenar um dado estilo de vida, não podemos tolerá-lo — aceitá-lo como bom, ou indiferente. A tolerância consiste em defender que um dado estilo de vida é condenável, por ser tolo ou por outra razão qualquer, mas que as pessoas têm o direito a viver desse modo desde que não prejudique ninguém. Assim, a tolerância

cultural consiste em considerar que o hábito europeu de só as mulheres usarem saias é uma tolice, ao mesmo tempo que se tolera esse hábito. Se começarmos por considerar que esse hábito não é condenável, nada teremos para tolerar. (MURCHO, 2009)

O não usufruto de algum direito tutelado pelos direitos humanos não significa que ele pode se tornar inválido para uma sociedade, mas que ele foi adquirido e não está sendo usufruído como deveria. Dessa forma, cabe aos indivíduos exigirem as aplicações desses direitos em nome da justiça e não afirmarem a inexistência deles, dando carta branca para as ações culturais mais absurdas.

Além disso, a resposta relativista contra a universalidade, contra os direitos humanos universais, é a de que ele foi criado numa perspectiva eurocêntrica e por isso sua aplicação é restrita a uma parcela da população mundial, mascarando uma dominação cultural. Com efeito, essa contraposição é extremamente errônea, os direitos humanos consideram uma perspectiva geral dentro de variados cenários sociológicos, com parâmetros mínimos reguladores. Outrossim, é indigna a tese que aceita, em nome de um relativismo cultural, ações danosas que ferem a dignidade humana, como já foi mencionada em tópicos anteriores, dado que existem direitos humanos fundamentais.

A comunidade internacional reconhece o valor moral intrínseco de seres humanos em sua declaração dos direitos humanos. A noção que pessoas têm direitos intrínsecos apenas pelo fato de que elas são seres humanos, independente de raça, classe social, religião, casta ou posição é baseada no valor moral inerente aos seres humanos. Esta verdade é reconhecida também em nossa Declaração de Independência, na parte que afirma que todos os homens possuem certos direitos inalienáveis, como o direito a vida, a liberdade e a busca da felicidade. A maioria de nós, quando reflete sobre a questão, chegaria a uma conclusão parecida: Sim, seres humanos possuem, de fato, valor moral intrínseco. (CRAIG,

2015)

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em conclusão, espero ter deixado claro, mesmo que de maneira breve, a incongruência do relativismo cultural. Desejo que o presente artigo ratifique as inúmeras falhas dos argumentos relativistas que enfrentamos diante da pós-modernidade; pois, ainda que seja comumente defendido nas universidades, denominações políticas e até mesmo em âmbitos eclesiais, isso não pode ser levado como uma compreensão aceitável de ver a sociedade como um todo. Infelizmente, poucos compreendem, de fato, as problemáticas que essa compreensão teórica relativa pode gerar, além da falta de estudo e de aprofundamento no assunto.

Algumas pessoas, de fato, acreditam ser sofisticado conceder o certo e o errado dependendo dos âmbitos culturais de determinado território nacional e internacional. Contudo, perante o que foi supracitado, no artigo, uma das maiores problemáticas do relativismo cultural é justamente a sua incoerência com a verdade e com a sua própria defesa de ideário, por assim dizer. Argumentos rasos que apontam para uma sociedade a qual despreza o absoluto por acreditar que está se libertando de padrões preestabelecidos, quando na verdade se aprisiona na impossibilidade de julgamento. Sendo, um relativista, compassivo a grandes torturas e desastres em nome da cultura e não dá verdade.

Afirmo que quanto mais estudamos mais percebemos o exercício da nossa conduta e conhecemos a existência da verdade, sabendo que ela transparece as coisas como realmente são, sendo observada pela lógica, na presença de premissas verdadeiras, e nas coisas mais simples existentes.

A verdade existe dentro de nós, perante as nossas concepções morais, algo absoluto que há em nosso ser, que não foi ensinado e não pode ser justificado pelo determinismo, mas que está lá independente da cultura e do campo social que estamos inseridos. Não se trata de uma compreensão ocidental ou oriental, composta pelo etnocentrismo ou algo semelhante, mas de uma compreensão individual e conseqüentemente coletiva, do que é moralmente certo e errado. Do sentimento do amor que transcende barreiras culturais, do senso de justiça que independe de uma sociedade específica, dos deveres para com os mais velhos,

da lei da benevolência, dos atos de misericórdia, da preservação da vida e de tantas outras coisas que espelham a existência de absolutos, os quais, ultrapassam um suposto relativismo, visto que vai além das questões exclusivas de uma sociedade.

Alguns valores não são relativos e isso não é um pensamento baseado numa perspectiva própria, na ignorância ou na imposição de padrões intolerantes, mas da observância da realidade. Se a verdade não existe não há motivo para buscar respostas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aires; MURCHO, Desiderio. **Janelas para a filosofia**. 1. ed. Gradiva, 2014.

ARQUIMIMO, Leonardo. **Relativismo cultural e universalismo - Direitos Humanos**. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=h7ZcR2CFM5E&t=513s> Acesso em: 10 maio 2020.

BAGGINI, Julian. **O porco filósofo**. 1.ed. Ediuro, 2006.

CAMPOS, Heber. O Pluralismo do Pós-Modernismo. **Monergismo**. Disponível: [http://www.monergismo.com/textos/hermeneuticas/hermeneutica\\_heber.htm](http://www.monergismo.com/textos/hermeneuticas/hermeneutica_heber.htm) Acesso em: maio 2020

CHESTERTON, Gilbert. **Ortodoxia**. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

CRAIG, William. #61 Aborto e política presidencial. **Reasonable faith**, 17 jan. 2015. Artigos. Perguntas da semana. Q&A. Disponível em: <https://pt.reasonablefaith.org/artigos/pergunta-da-semana/aborto-e-politica-presidencial>. Acesso em: 10 maio 2020

CRAIG, William. **Apologética para questões difíceis da vida**. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

GEISLER, Norman. **Enciclopédia de apologética**. 1.ed. São Paulo: Vida, 2002.

GENSLER, Harry. Ética e relativismo cultural. **Crítica na Rede**, 23 ago. 2004. Tradução de Paulo Ruas. Crítica. Ética. Disponível em: [https://criticanarede.com/fil\\_relacultural.html](https://criticanarede.com/fil_relacultural.html). Acesso em: 15 maio 2020

GRACHER, Kherian. Relativismo cultural em pauta. **Universo racionalista**, 12 mar. 2014. Disponível: <https://universoracionalista.org/relativismo-cultural-em-pauta/> Acesso em: maio 2020

HALL, Evelyn. **The friends of Voltaire**. 1.ed. Good Press, 1906.

MURCHO, Desidério. Ética e Direitos Humanos. **Crítica na Rede**, 27 nov. 2009. Disponível: <https://criticanarede.com/valoresrelativos.html> Acesso em: maio 2020

MURCHO, Desidério. Verdade. **Estado da Arte**, 14 de maio de 2018. Disponível: <https://estadodaarte.estadao.com.br/verdade/> Acesso em: 10 maio 2020

NUNES, Ruy. **A ideia da verdade e a educação**. 1.ed. São Paulo: Kírión, 1978.

ORWELL, George. **O que é fascismo? E outros ensaios**. Reino Unido: Companhia das Letras, 2017.

WESTON, Anthony. Relativismo. **Crítica na Rede**, 3 abr. 2004. Disponível: <https://criticanarede.com/relativismo.html> Acesso em: 20 maio 2020